

O desconhecido como preceito: o caso do Paraguai

Fabio Anibal Goiris *

Resumo

Breve análise sobre o Paraguai sob o ponto de vista de alguns aspectos da sua antropologia e sua sociologia – entrelaçados a aspectos políticos - que configuram uma característica nem sempre fácil de perceber: o seu desconhecimento como nação.

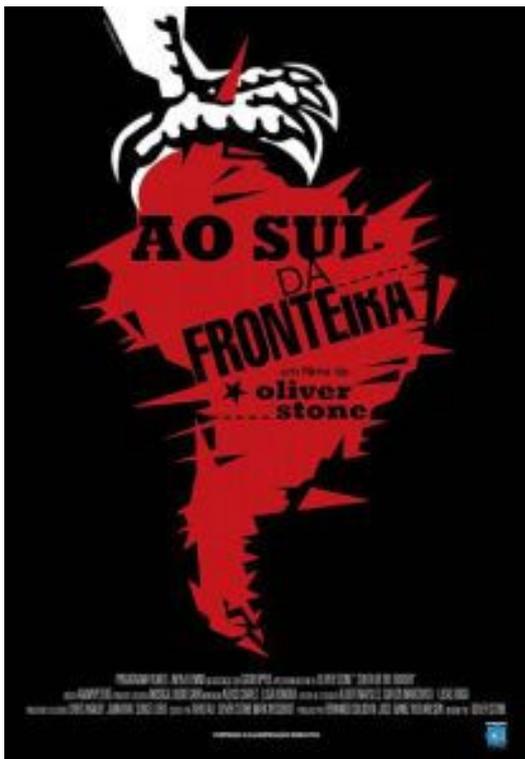
Palavras-chave: Sociologia do Paraguai. Antropologia do Paraguai. Ciência Política na América Latina.

Abstract

A brief analysis on Paraguay in the view of some aspects of his anthropology and his sociology – intertwined the political aspects – that form a characteristic not always easy to see: his unawareness as a nation.

Key words: Sociology of Paraguay. Anthropology of Paraguay. Political Science in Latin America.

* FABIO ANIBAL GOIRIS é Professor da UEPG; Mestre em Ciência Política.



Numa entrevista o cineasta Oliver Stone que realizou mais um documentário sobre a América Latina (*Ao Sul da Fronteira*, 2010), disse que a maioria das pessoas não conhece a essência antropológica de alguns povos sul americanos. Stone disse tratar-se de uma história imensa que os norte americanos não conhecem.

O Paraguai é certamente um exemplo paradigmático de país desconhecido. A começar pelo idioma guarani que representa uma linguagem absolutamente desconhecida por todos os habitantes do mundo, fora os paraguaios. Nenhum país da América Latina é verdadeiramente bilíngüe. O idioma guarani é falado por aproximadamente 90 % da população paraguaia. Naquele país fala-se o espanhol, o *idioma oficial*, conforme a Constituição, em proporção relativamente superior ao guarani (o *idioma nacional*, também de acordo aos preceitos constitucionais). Trata-se de um bilingüismo de fato e de direito.

No Paraguai, diferentemente de outros países, diversas instituições antropológicas ainda permeiam o subconsciente e a própria realidade cotidiana. Incluem-se questões relativas à organização social e à reprodução familiar: casamento precoce, concubinatos, mancebias, formas peculiares de contracepção, prole numerosa como padrão familiar, etc. Da mesma forma, a utilização de ervas medicinais e os diversos rituais adotados pela cultura guarani primitiva ainda têm poderosa influência na tradição miscigenada.

O uso diário e permanente de ervas medicinais é uma tradição que atravessa séculos. Não se trata de um processo sazonal ou de um modismo fitoterápico, como ocorre em outros países, mas, de uma memória antropológica que perpassa em forma atemporal todo o tecido social paraguaio. As ervas medicinais no Paraguai são ancestralmente classificadas em *pohá ñaná* e *pohá roysá*. As primeiras (*pohá ñaná*) se referem a ervas secas, colhidas e guardadas por longo tempo. As segundas (*pohá roysá*) são utilizadas diariamente em mate gelado sob a forma de folhas frescas. Diante disto, há um conceito que ganha força: no Paraguai a incidência e a prevalência da maioria dos tipos de câncer, com o de pulmão, são baixas (Boffetta, 1993).

Além disso, a erva-mate – *ilex paraguayensis* – de utilização diária no Paraguai apresenta efeito anticâncer face ao seu conteúdo significativo de flúor como foi demonstrado em 1981 pelo professor Jayme Aparecido Cury, da Unicamp. Nesta linha descobriu-se também o efeito anticâncer da planta chamada guaco – *Mikania glomerata* (Hayacibara, 2004).

Tem sido relatado também que existe uma taxa bastante diminuída de tabagismo (consumo de tabaco) no Paraguai, tanto entre homens como entre mulheres (Costa e Coiffman, 1998).

De outra parte, num estudo realizado em ratos por Arcari (2009), observou-se o potencial antiobesidade da erva-mate. Os animais obesos tratados com *illex paraguayensis* apresentaram acentuada atenuação do ganho de gordura, diminuição no peso corporal e ainda a normalização dos níveis séricos de colesterol, triglicérides, LDL – colesterol e glicose.

Mas, o desconhecimento do Paraguai não para por aí. A cultura do povo sempre esteve baseada na sobrevivência – numa ‘ética da sobrevivência’. Uma luta ancestral, especialmente das classes subalternas, contra a opressão e a exploração que se iniciou no tempo dos colonizadores espanhóis e do próprio Vice-Reino do Rio da Prata. Uma luta pela vida e contra a pobreza que vem atravessando quase dois séculos de infausta e tormentosa vida republicana. Alguns dados recentes indicam que no ano de 2003 o Paraguai tinha uma renda per capita de 1300 dólares anuais, um desemprego de 16% e ainda que 36% da sua população, especialmente a população rural, vivia abaixo da linha de pobreza (Folha de S. Paulo, 10 agosto, 2003).

Neste longo e adverso processo (de incorporação de uma experiência de desapossamento econômico e de impotência política), o povo adquiriu ou desenvolveu uma espécie de dupla personalidade, visando a sua própria sobrevivência: por um lado, um comportamento de resistência ligado antropologicamente à cultura guarani

primitiva e, por outro, uma conduta conectada à cultura dita laicizada ou modernizante que se encaminhou para o alargamento da argúcia nas relações interpessoais. Assim, antes de desaparecer o primitivo se insurge o contemporâneo. Este é um dos mistérios da miscigenação que ocorre no coração da América do Sul.

Nesta linha, existe uma concepção muito particular do campesino paraguaio com relação à posse da terra. De acordo com Fogel (1990), subsiste no Paraguai uma percepção dos campesinos que é culturalmente definida na qual se sobressaem configurações sociológicas de herança indígena. A população campesina do Paraguai não é favorável a assumir comportamentos que sejam estranhos à sua origem; ou seja, não se sentem atraídos em adotar condutas que sejam, por exemplo, semelhantes aos agricultores brasileiros. O campesino paraguaio é diferente; apresenta uma atávica, longa e densa luta pela terra onde ele nega toda legitimidade ao latifúndio improdutivo e, dentro dessa luta, o uso da violência contra o usurpador latifundiário não se descarta jamais. Os campesinos paraguaios invocam o próprio Direito Natural como argumento para a posse da terra e para preservar a natureza. Este procedimento estaria de acordo com processos antropológicos anteriores a toda lei escrita.

De outra parte, constata-se que a maior parte do povo paraguaio parece que não interpreta como uma teleologia necessária e obrigatória o ‘gold standard’ capitalista (cujo paradigma são os frívolos conselhos de Francis Fukuyama, 1992, para que as pessoas endeusem o liberalismo como aspiração e estilo de vida). Ao

contrário, intuitivamente e cientes de que apenas terão valor enquanto peças eficientes na escala da produção, a maioria dos cidadãos não antepõe a luxúria liberal como objetivo impreterível e precípuo de vida. O que prevalece, no Paraguai, é a valorização daquilo que é material na medida das necessidades (e das possibilidades de redistribuição de bens e recursos).

Mas, a convivência com o contraditório que existe no Paraguai pode trazer também resultados positivos. Por exemplo, as universidades de Assunção são concorridas, pelos estrangeiros, para cursos de mestrado e doutorado, especialmente na área de ciências sociais e educacionais. Os estudantes estrangeiros percebem que existem no Paraguai processos culturais *sui generis* nos quais aquilo que é avançado e contemporâneo se mistura a uma cultura nativa e primitiva. O grande enigma do Paraguai como nação reside, pois, na busca de uma cultura equilibrada e híbrida (hispano/guarani) em luta contra as alienações. O almejado equilíbrio estaria na posse daquilo que é autóctone sem fechar as portas para as culturas exógenas.

No Paraguai ainda persiste os efeitos adversos de uma atávica cultura política não-democrática. É difícil quantificar, entretanto, o alcance ou o efeito sociológico de duas culturas não democráticas: 1) a *Cultura del Sometimiento* ou Cultura da Submissão e 2) a *Cultura Autoritária* (Goiris, 2004). Ambas as culturas infelizmente ainda influenciam poderosamente a práxis social, por estarem arraigados na memória coletiva daquele país. A “Cultura del Sometimiento” representa uma forma

de violência cultural e psicológica imposta ao povo de cima para baixo; enquanto que a cultura autoritária também é imposta verticalmente pela classe dominante sendo considerada a mãe de todos os vícios sócio-políticos. A Cultura Autoritária teria sua origem numa suposta herança cultural ibérica (leia-se a Espanha monárquica); fortemente elitista, hierárquica e patrimonialista. Há mais de 150 anos de vida republicana que ambas as culturas estão ligadas à ‘cultura política não democrática’. O resultado deste processo foi o surgimento de flagelos sociais e políticos contemporâneos que incluem o conservadorismo, o messianismo, o paternalismo, o fanatismo, o clientelismo, o *prebendarismo*, a intolerância política e a violência política.

No meio do desconhecido, entretanto, é possível perceber modelos e arquétipos positivos e surpreendentes. Assim, como explicar a relativamente fácil classificação da seleção de futebol do Paraguai, um país pequenino de pouco mais de 6 milhões de habitantes, nas últimas edições da Copa do Mundo? A forte presença dos jogadores em campo é oriunda de um espírito destemido, audacioso e denodado. Este fato pode estar representando uma amostra de um estado de espírito que se convencionou denominar de ‘alma guarani’, cujo ápice teria seu paradigma durante a Guerra do Paraguai.

Não custa lembrar também que existem vários estudos (e estudiosos) acerca da cultura paraguaia. Alguns trabalhos de investigação publicados pelos próprios paraguaios incluem, por exemplo: estudos relativos aos hábitos e à alimentação (Justo Pastor

Benítez), à posse da terra (Carlos Pastore; Ramón Fogel); à vestimenta e à vida rural (Ramiro Dominguez), à música (Juan Max Boettner), à literatura (Josefina Plá; Augusto Roa Bastos; Hugo Rodríguez-Alcalá); à arte, ao teatro e à cultura (Helio Vera; Rudi Torga); à poesia (José Luis Appleyard; Elvio Romero); à sociologia (Domingo Rivarola, Benjamin Arditi); ao direito (Manuel Dominguez); à religião (Saro Vera); à psicologia social (Domingo Rivarola; Arturo Bray); à corrupção do Estado (Miguel Angel Pangrazio); à política (Marcial Riquelme; Flecha y Martini); à antropologia e ao idioma indígena (Bartomeu Meliá; Natalia Krivoshein); à cultura política (José Nicolás Morínigo; Fabio Jara Goiris); à vida primitiva e aos mitos guaranis (Branislava Susnik; Miguel Chase-Sardi) e finalmente à história (Efraim Cardozo, Manuel Dominguez e Oscar Creydt).

O próprio Direito não escapa à análise que considera o Paraguai um país desconhecido. No Paraguai o *direito natural* parece prevalecer sobre o Direito Positivo em várias circunstâncias. Comparativamente, o positivismo jurídico é muito forte em todos os países vizinhos – especialmente no Brasil – mas, no Paraguai, não tem penetração semelhante. Em solo paraguaio, a vida cotidiana, a solução de conflitos e a própria lide jurídica são fortemente influenciados por um direito consuetudinário ou costumeiro que se aproxima não apenas do *ius gentium* da Roma antiga, mas, sobretudo do próprio direito natural.

Nesta perspectiva, face à sua uniforme miscigenação, o Paraguai, não apresenta agudos desajustes sociais (como o problema indígena de

viés étnico que existe na Bolívia ou a inadequação racial que perpassa o Brasil como nação). O Paraguai não precisou realizar as justas reparações históricas que o Brasil vem desenvolvendo com as *políticas afirmativas*, tais como as cotas para negros. Sobressai no Paraguai o exercício de um direito normativo etéreo ou supra-real. Este direito parece ter sido benéfico para as relações sociais, visto que o próprio *modus vivendi* tornou-se prático e popular. Persiste, pois, naquele país a concepção de que a igualdade e o respeito entre os cidadãos não se constrói apenas com a lei escrita.

Os norte-americanos usam a expressão *enculturation* para definir processos de ensino/aprendizagem de determinada cultura relacionada à socialização. Pela *enculturation* adquirem-se (desde a infância) valores, rituais, idioma e comportamentos necessários à incorporação a uma cultura específica. Isto ocorre consciente e inconscientemente. Existe a percepção de que a cultura autóctone no Paraguai é uma *enculturation* no sentido de que ainda quer acreditar nos seus mitos e preservar a sua pureza. Este processo pode ser entendido também como relativo ao ‘habitus’ descrito por Bourdieu (1974) que é construído com antropológica paciência contribuindo decisivamente para a constituição das identidades culturais.

Nesse contexto, não pode parecer tão estranho o fato de os paraguaios terem construído uma postura passiva e benevolente em lugar de desferirem ataques pessoais agudos contra o Presidente Fernando Lugo, face ao seu problema de reconhecimento de paternidade. Esta postura afável por

parte da maioria do povo tem origens históricas e antropológicas. Assim, o fato de o Paraguai ter tido mais de 70% da sua população, especialmente a masculina, dizimada por uma guerra genocida, criou forçosamente alterações dramáticas nas formas ‘consagradas e moralistas de relacionamentos’, fazendo com que persistam naquele país formas peculiares de compreensão das relações interpessoais e psicossociais. A jornalista espanhola Verónica Calderón (2009), do jornal *El País*, assinala que: 80% das mulheres do Paraguai foram vítimas de abuso sexual, segundo a Comissão de Direitos Humanos daquele país. Sete em cada dez filhos são registrados só pela mãe, apesar de na atualidade os homens paraguaios não serem escassos: são 50,4% da população. Fernando Lugo não é um pioneiro em seu país no que se refere à paternidade irresponsável. Vários antecessores do próprio Lugo não escapam a esse estigma: oito dos 45 presidentes paraguaios foram filhos de mães solteiras, e pelo menos 17 tiveram filhos ilegítimos.

Por tudo isto, é preciso analisar cuidadosamente os mais diversos aspectos da origem e evolução sócio-cultural do Paraguai. Dentro do processo de miscigenação entre espanhóis e guaranis emerge um terceiro elemento: a cultura dos jesuítas (que permaneceram no Paraguai por um século e meio). Os padres jesuítas construíram um monumental e legendário edifício material, religioso e cultural que ainda apresenta impressionante influencia na moderna cultura. Os jesuítas foram os responsáveis diretos pela manutenção do idioma guarani, pela consolidação da assombrosa e dominante religiosidade católica (em

torno de 90 por cento da população do Paraguai professa a religião católica) e ainda pela conservação da arte e música folclórica entre os paraguaios.

Não obstante, o que restou do grandioso e positivo processo cultural jesuítico foi posteriormente dilapidado e usurpado pelo *capitalismo espanholista* do Paraguai na sua vertente mais selvagem e liberal. Afinal, de acordo com Marx (2006), o papel da burguesia (em qualquer sociedade) é o elemento chave para a emergência da opressão econômica. Ou seja, quando os meios de produção pertencem apenas a poucas pessoas e a pequenos grupos, estabelecem-se relações de exploração da mão de obra e, sobretudo, relações de subordinação e de dominação. No Paraguai a posse autoritária e ilegal das terras do Estado por uma elite e o desenvolvimento de antigas empresas estrangeiras exploradoras da erva mate como a *Companhia Mate Laranjeira* corroboram esse conceito. Na atualidade esse pensamento marxista encontra ressonância na presença dos monopólios econômicos, da globalização e do predomínio da cultura da competição/exploração que permeia o cotidiano hispano/guarani. Com isso, percebe-se no Paraguai uma persistência das contradições culturais e da própria alienação econômica e política e cujo resultado final se traduz no aumento generalizado da pobreza face à riqueza exorbitante de poucos.

De outra parte, o Paraguai atual ainda sofre os efeitos adversos inclusive psicológicos (leia-se *stress pós-traumático*) de duas guerras devastadoras. A ‘Guerra do Paraguai’

(1864-1870) foi uma contenda genocida que marcou profundamente o destino daquele país. É preciso lembrar que o Paraguai perdeu 40% do seu território. Mais ainda: de aproximadamente 1.3000.000 habitantes antes da guerra sobreviveram apenas 300.000 a maioria mulheres e crianças. A Guerra do Paraguai foi uma contenda cruel patrocinada com dinheiro inglês (o Banco Rothschild, segundo Bethel, 1995, emprestou ao Brasil sete milhões de libras esterlinas) e levada à prática pela cobiça da burguesia sul-americana.

Mais recentemente na contenda da 'Guerra do Chaco' (1932-1935), com a Bolívia, verificou-se uma luta igualmente sangrenta e inútil, entre dois países irmãos, encorajada por empresas estrangeiras caçadoras de petróleo como a *Shell* (que supostamente ficou do lado paraguaio) e a *Standard Oil* (que defendia os interesses da Bolívia). O resultado desta guerra em pleno deserto da região do Chaco foi a morte de mais de 90.000 paraguaios e um país devastado economicamente, destroçado socialmente e esmagado animicamente.

Sob esta perspectiva, é possível pensar que o Paraguai perdeu seu impulso histórico inicial. Ou seja, após iniciar sua vigorosa vida republicana sob a égide do governo austero, honesto e socialista de José Gaspar Rodríguez de Francia 1811-1840 (um governo que de alguma maneira continuou até 1870 com Carlos Antonio e Francisco Solano López), hoje não é mais nem sequer a sombra daquele passado de progresso e de posturas populares e socializantes. Da posse de um futuro brilhante, iniciado naquela época, o

Paraguai se transformou num país arruinado pelos seus próprios vizinhos, destruído pela cobiça do mercantilismo e arrasado pela política interna paraguaia contaminada por duas culturas adversas: a cultura autoritária e a cultura da submissão.

Não obstante, o calvário do Paraguai no período contemporâneo não termina na sucessão de guerras devastadoras. Entram em cena, finalmente, os governos autoritários e ditatoriais como o de Alfredo Stroessner (1954-1989), sob cujos auspícios nasceu a acintosa 'burguesia fraudulenta' e as lutas internas ou revoluções civis criadas por seus próprios filhos, cujo exemplo maior foi a *Revolução de 1947*. O cientista político norte-americano Paul Lewis (1980) assinala que durante aquela revolução mais de 400.000 paraguaios (que na época correspondia a um terço da população) emigraram para o exterior, especialmente para a Argentina.

Para concluir, a cultura paraguaia é desconhecida também em razão de que a história desses 'ciclos adversos', que inclui guerras, revoluções, autoritarismos e explorações econômicas pelos quais atravessou o país, tem sido escrita quase totalmente pela classe dominante e pelos vencedores. Os vitoriosos das guerras, das revoluções e das lutas internas escamotearam do povo paraguaio a oportunidade de expressar seus argumentos e de propor seriamente seus pontos de vista. Diante disso, Agustín Cueva (1978) sociólogo equatoriano, escreveu magnificamente: "*Os povos fazem a história, mas não são eles os que a escrevem*".

Referências

Arcari, D., et. al. Antiobesity Effects of yerba mate Extract (*Ilex paraguariensis*) in High-fat Diet-induced Obese Mice. **Obesity**. vol. 17, nº12, pp. 2127-2133, 2009

Bethel, A. **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. Editora Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995

Boffetta, P. et. al. Mortality Patterns and Trends for Lung Cancer and Other Tobacco-Related Cancers in the Americas, 1955–1989. *Int. J. Epidemiol*, 22: 377-384, 1993

Bourdieu, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974

Calderón, V. *Fernando Lugo e suas mulheres*. El País. Madrid. <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2009/05/02/ult581u3211.jhtm>

Costa e Silva V. e Coiffman., S. *Tabagismo na América Latina: problema prioritário de saúde pública*. **Cadernos de Saúde pública** vol.14 suppl.3 Rio de Janeiro 1998

Cueva, A. *El desarrollo del capitalismo en América Latina*. Siglo Veintiuno Editores, México, 1978, p.43

Cury JA. Fluoride concentration in Brazilian teas and their significance in caries prevention. *Revista Gaucha Odontol*; 29:136-8, 1981.

Fogel, R. *Los campesinos sin tierra en La frontera*. Comité de Iglesias Serie Tierra número 2; Asunción, 1990

Foucault, M. *Vigiar e Punir*, Petrópolis: Vozes, 1977

Fukuyama, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Goiris, F.A.J. *Paraguay: Ciclos Adversos y Cultura Política*. Editora Servilibro, Asunción, 2004

Lewis, P. *Paraguay under Stroessner*. University of North Carolina Press, 1980

Hayacibara, M. e Cury, J.A. Fluoride aluminum in teas and tea-based beverages. Ver. **Saúde Pública**. 38(1), 100-105, 2004

Marx, K. e Engels, F. *A Ideologia Alemã*, Editora Martin Claret, 2006

Stone, O. *Oliver UOL Cinema - Notícias - Redação*-03/06/2010<http://cinema.uol.com.br/ultnot/2010/06/03/oliver-stone-ataca-a-midia-e-diz-que-aos-sul-da-fronteira-e-feito-para-dar-voz-aos-pobres.jhtm>